

MOMENTOS

Cenas lindas

PASSAVA muito da meia-noite quando cheguei a Casa e vi acesa a luz do sótão onde fixámos a sossegada sala de estudo.

O silêncio envolvia o casario, os jardins, a mata e os pomares. Os rapazes e toda a gente aproveitavam a quietude da noite, retemperando energias num sono profundo. É tão estranha como saborosa a serenidade de uma Casa do Gaiato. O ruído é a sua abrangência normal.

Surpreendido, subi com cuidado à casa um e, dali, ao sótão, pé ante pé, degrau a degrau, a tosca mas bonita escada.

Havia uma janela aberta de cada lado para que uma aragem fresca tornasse cómoda a posição do estudante que ali se debruçava sobre esquemas e mais esquemas, livros e apontamentos.

É um banho de alegria jubilosa que nos entra na alma quando deparamos com cenas destas.

O rapaz tinha exame na Faculdade.

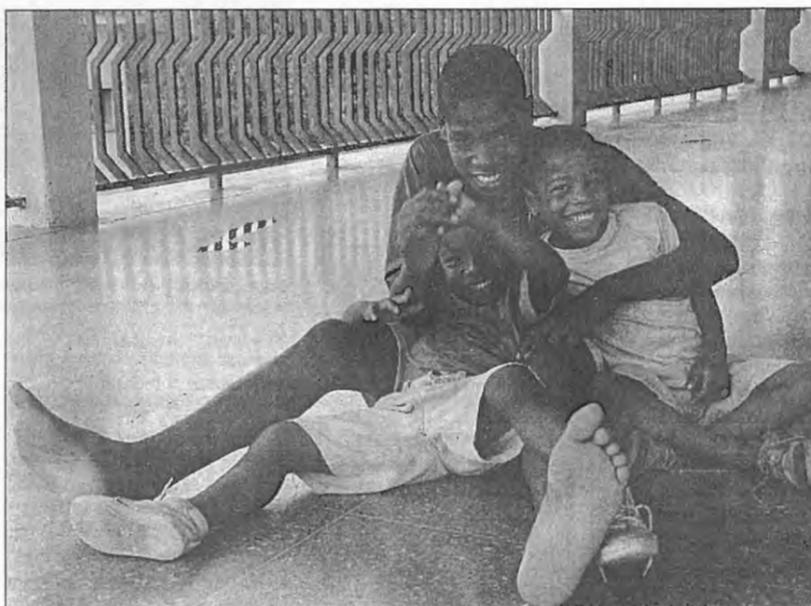
Que se habituara a estudar de noite e que o deixasse.

Soubes depois que fez «uma directa» e quando a senhora chegou à cozinha para preparar o pequeno-almoço aos que saem mais cedo, lá estava o nosso homem: — *Olhe que estou cheio de fome e queria ir dormir!*

Continua na página 3



Ao fim-de-semana o David tem obrigação de apanhar a hortaliça para o Lar. A malta chama-lhe David Troço!



Belo sorriso de três moçambicanos numa varanda da Casa do Gaiato, em Boane.

África

É tema que nunca se esgota para quem a ama e tem vivo desejo de, ao menos, antever os seus povos felizes na pacífica e progressiva fruição das suas potencialidades, seguindo um processo que não sofra mais adiamentos, mas também não violento o ritmo próprio que lhes é característico.

Outros assuntos, entretanto, reclamaram prioridade e também, ultimamente, me faltou a informação a que, de Luanda, o nosso Álvaro me foi habituando. Pois chegou esta semana uma remessa de jornais — eis a motivação.

Em artigo de opinião sobre «os cidadãos e o sistema partidário», Vicente Pinto de Andrade apresenta o Ampla Movimento de Cidadãos (AMC) como «espaço cívico que integra pessoas de diferentes quadrantes políticos e de várias naturezas partidárias e outros que não se reconhecem em nenhum quadrante político partidário», espaço de «oxigenação de que precisa o ambiente angolano e a regeneração da vida nacional». É que «as estruturas partidárias são cada vez menos sensíveis à reflexão política» (...), os partidos começaram a perder capacidade de atracção (...) — em suma, arriscam-se a perder a sua capacidade de regeneração e a função de representação da dinâmica social». Se calhar um mal de que enfermam as democracias em geral, mesmo as do Norte com a sua já longa tradição.

Por isso — continua o articulista — «faz sentido que existam movimentos cívicos que defendam causas e estimulem a participação democrática de todos os cidadãos». Que «a participação democrática não se esgota no direito de voto» (...), antes «se exige que se manifeste de modo permanente e por parte de todos». E acrescenta:

«Uma associação cívica é um espaço mais livre no qual os critérios são apenas os do bem público e não de calendários eleitorais». Daí, «podem ser mais eficazes que uma actividade partidária na produção de ideias e na definição de propostas», que venham ao encontro, «não do enfrentamento armado, redutor de liberdades e direitos, mas da frontalidade no confronto de ideias de que necessita a sociedade angolana de hoje».

Eu acho profundamente sensatas estas considerações e sabem-me a caminho, talvez o único real, que pode conduzir à paz e à estabilidade do tecido de nações que constitui a grande Nação angolana.

Na verdade a polarização da vida nacional e do futuro do País entre duas forças antagónicas como se elas representassem a totalidade do Povo e o seu interesse, é uma realidade imposta contra-natura que outras forças, vindas do

exterior, não puderam resolver porque não quiseram descomprometer-se dos magnos interesses económicos para os quais a guerra é fonte de lucros. Por isso só o Povo poderá constituir-se em terceira força que equilibre as outras duas e desfaça o seu domínio impiedoso. É este acordar do espírito cívico, da consciência do dever de participação na vida nacional que vem acontecendo há algum tempo e se organiza agora no Ampla Movimento de Cidadãos. É o Povo a fazer ouvir a sua voz em ordem a um projecto de Nação angolana, voz que vem engrossando, mas precisa de crescer de um coro ainda diminuto a um imenso coral que reúna todos os angolanos.

Claro que num país onde os níveis de instrução são tão pequenos e a capacidade de sofrimento tão grande, é difícil e demorará este acordar do espírito cívico para a participação na vida social. Mas é uma urgência que este espírito se difunda mediante a Escola e outras Instituições vocacionadas para o homem, para a sua formação pessoal e social. E qual delas melhor posicionada para esta acção do que a Igreja, Mãe e Mestra em valor absoluto, e, relativamente ao Povo angolano, creditada e inserida como nenhuma outra?

Escrevi há pouco nestas colunas sobre a Pastoral do pão. Pois nela se inclui a instrução e a educação em áreas de humanidades, tal como ensinou Pio XII ao lançar o Movimento para um Mundo Melhor e para que se cumpra a exortação de Paulo VI em Fátima: «Homens, sede homens».

Que a parceria da Igreja em Angola se faça sentir amplamente, seja neste Ampla Movimento, seja em todo e qualquer esforço colectivo para que todos os angolanos se tornem cidadãos da sua Pátria, de direito e de facto participativos na sua edificação.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Recordação

PRECISAMENTE, hoje, é dia 16 de Julho. Dia em que recordamos a morte de Pai Américo, a sua passagem deste mundo para o Céu. Este mundo que ele amou quanto a vida contingente que todos vivemos lho permitiu. Mas como se tratava de um amor retemperado permanentemente pelo amor de Deus e que por isso mesmo era um amor transfigurante, a sua morte não foi senão uma etapa, misteriosa, desse olhar e viver transformador. Por isso, ele continua conosco, misteriosamente, numa presença humanamente inexprimível até que «a vinda dos novos céus e da nova terra» o manifestem. Partiu há 45 anos! Como foi bom para tantos de nós — mesmo sem o termos visto alguma vez — que ele tivesse existido! A sua existência também traçou rumo às nossas vidas. Não foram só os pequeninos do Reino, os Pobres, as Crianças e os Doentes; muitos outros, tidos até por grandes, ganharam lugar na mesa do Reino ao cruzarem, numa hora de Deus, as suas vidas com a de Pai Américo. Muitos há que mesmo sem conseguirem descortinar, a sua vida resultou de uma hora querida por Deus, não deixaram de observar que a sua vida é um expoente de grandeza humana; que nele emergiu de forma qualitativa o que há de melhor no coração humano. Quanto a nós, acção da graça divina e redentora de Cristo Jesus.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PAÍSES RICOS E POBRES — Reuniu, em Génova, no mês em curso, o grupo das nações mais ricas do Globo, conhecido pelo G8. Para que a assembleia pudesse escutar a voz dos mais carenciados, religiosas e religiosos de todo o Mundo decidiram estar presentes, explicando a razão da sua atitude:

«Apelamos para o cancelamento da dívida. Como religiosos, crentes, representantes de muitas tradições, imploramos: que o mundo e os seus recursos sejam para sustento de todos; que a propriedade privada não se sobreponha ao direito que os outros têm à alimentação, à habitação, aos cuidados de saúde, e à oportunidade de participarem na sociedade, numa base equitativa; que aqueles que possuem e administram os bens da terra têm a responsabilidade primária de assegurar o bem-estar, a liberdade, e a participação de todos; que uma distribuição justa dos bens do mundo é um pré-requisito para a paz, para a harmonia mútua e para a compreensão entre os povos, e uma exigência necessária para a saúde do planeta.

O actual sistema económico aprofundou a brecha entre os países ricos e pobres e concentrou o controlo dos recursos mundiais na mão de um pequeno número. Este sistema também destruiu muito do ambiente natural. O nosso tempo exige iniciativas ousadas e corajosas para criar uma economia nova, justa e equitativa, que respeite a dignidade de todo o ser humano e o mundo natural.»

VOZ DO PAPA — Numa mensagem transmitida aos chefes de Estado e do Governo dos países mais industrializados, grupo conhecido pelos G8, o Santo Padre pediu ajuda para os mais pobres do mundo:

«Os povos mais ricos e com a tecnologia mais avançada (...) devem saber escutar os gritos de sofrimento dos pobres do mundo, que reclamam, simplesmente, aquilo que é seu direito. A fé exige que os responsáveis da política e da economia façam com que o actual processo de mundialização seja fortemente governado por razões de bem-comum.»

PARTILHA — A situação dos trigêmeos, e da viúva sua mãe, tem motivado directamente alguns dos nossos Leitores/as: assinantes 31254, de Fiães; 55060, de Massamá; 55331, de Fânzeres; 7649, de Monção; 14590, de Loures; 3881, de Lisboa; 15430, de Baguim do Monte; e 17478, de Ovar.

A assinante 8296, de Lisboa, com cheque de dez mil, desti-

nado a «medicamentos para um Pobre».

Porto: A assinante 58717 põe a assinatura d'O GAIATO em dia, «cuja leitura me proporciona, no meio do frenesim e constantes preocupações dos meus afazeres quotidianos, um momento de reflexão, fraternidade e união espiritual com os mais carenciados».

Dez mil, «para o que for mais necessário», pela mão da assinante 1121, de Vila Nova de Gaia, com a amizade de sempre.

«Uma assinante de Paço de Arcos, com saudações fraternas e muita amizade», presente com a «partilha de Março e Abril».

Mais dez mil, da assinante 32925, da Guarda.

Metade, do assinante 11373, também da Guarda, «magníficas beiras da Serra da Estrela», com uma «migalha, um pouquinho, porque a doença, a fome, a guerra atravessam todo o mundo e temos de partilhar com outros irmãos que choram — ainda mais — as suas próprias amarguras».

Fornos de Algodres: Cinco mil, da assinante 63041, com «pequeno contributo para os Pobres — apesar dos meus 83 anos».

O habitual vale de correio «duma portuense qualquer, migalha respeitante aos meses de Julho e Agosto».

Padrão da Légua: «Pequena contribuição, para uma pessoa que tenha uma vida muito atribulada», da assinante 68616.

Doze mil, de duas Leitoras, do Estoril.

Viana do Castelo: Dois mil, do assinante 7947, «para os Pobres».

Seis mil, da assinante 71386, de Ceira.

Leiria: Partilha das assinantes 49610 e 47307, cuja mensagem transmite, no topo, um «Bom dia! Na medida que depender de vós tende paz com todos, em acção de graças à Mãe de Jesus e nossa Mãe».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Acabou a época futebolística de 2000/01. Os Iniciados começaram e acabaram a jogar em casa. Abrimos a época com o Gil Vicente Futebol Clube e fechámos-a com o Sport Clube Beira-Mar. Gostamos de fazer aqui referência a todos os clubes com quem convivemos, mas em virtude do espaço, é-nos impossível.

No entanto, depois de termos feito o balanço de toda a época, o resultado foi positivo: Vitórias 21, derrotas 3, empates 4, golos marcados 142 e sofridos 59. Mas não é aqui que nos sentimos realmente mais vitoriosos, se bem que também não escondamos a nossa satisfação. Realmente é positiva para nós a maneira como tudo decorreu, dentro e fora do campo. Houve alturas em que foi necessário acalmar um ou outro, que, por esta ou por aquela entrada menos suave do adversário, se exaltou um pouco mais, mas nada que



Quando da nossa ida ao Valenciano, nas instalações do Kalunga. Estes são daqueles que não se preocupam com a fotografia... estava na hora de começar a preparar tudo para o almoço.

pudesse manchar o bom comportamento colectivo.

Também houve as devidas sanções. O «Truta» e o Serafim tiveram dois jogos de castigo. Algumas repreensões verbais, mas nada que afectasse os atletas. São rapazes novos, com mentalidade de gente crescida, que se presa de ter bom senso e muita compreensão. Sabem que só com disciplina e, sobretudo, com humildade se conseguem determinados objectivos.

Sabemos que em alguns jogos (a maior parte) não nos acompanharam devido ao facto de terem sido ocupados nessas horas, e por vezes escusadamente. Não sejamos tão pretenciosos. Dá gozo (no bom sentido), no Domingo de manhã, quando os mais velhos estão a jogar, ver os mais novos a incentivá-los. Ainda nuns Domingos atrás o «Mancha», guarda-redes dos mais velhos, estava em dia *sim* e sempre que fazia uma boa defesa, ouvia-se algumas vozes: — Boa, «Mancha»! É bonito e devia ser sempre assim. Faço votos para que na época de 2001/02 os *senões* sejam anulados, e tudo corra ainda melhor. Todos ganhamos, sobretudo aqueles a que nos propusemos acompanhar mais de perto.

Alberto («Resende»)

PAI AMÉRICO — Solenizámos a viagem de Pai Américo para o Céu, a 16 de Julho.

De manhã, participámos na Eucaristia, concelebrada pelo nosso Padre Acílio, Padre Luiz, Padre Manuel Mendes e Padre Carlos que, em sua homília, lembrou facetas da vida de Pai Américo — tanto como leigo, como Padre da Rua.

Vale a pena recordar, às nossas Comunidades, a doação total de Pai Américo, que se desfez de tudo para nos fazer homens de bem nas Casas do Gaiato. Também como Receveiro dos Pobres nos Barredos de Portugal, cujas mansardas motivaram o seu coração, a sua alma para o lançamento do *Património dos Pobres*, ainda indispensável em paróquias onde haja Pobres sem casa. Não esquecemos, também, o Calvário, os Doentes sem cura aos olhos dos homens, neste mundo globalizado que *bota fora* ou *exclui* legiões que sofrem miseravelmente.

À tarde, estivemos num recanto da freguesia da Sobreira, margem do Rio Sousa, onde almoçámos, merendámos e os mais pequenos brincaram alegremente.

J. M.

ESCOLA — Foi com grande alegria que terminaram as

aulas. A maioria conseguiu fazer o quarto ano do Ensino Básico.

Tivemos um passeio espectacular! Fomos ao Castelo de Guimarães, berço de Portugal, porque lá viveu D. Afonso Henriques. De seguida, visitámos o Palácio dos Duques de Bragança, onde aprendemos muitas coisas interessantes da nossa História. Depois, fomos à Bracalândia onde toda a malta se divertiu imenso, naquele mundo de aventuras cheio de magia e de diversão.

Não podemos deixar de agradecer ao sr. Maurício Pinto que nos tem oferecido a camioneta, há já alguns anos; ao Presidente da Câmara de Guimarães; ao Professor Mota, da Escola de Creixomil, que nos recebeu com um delicioso almoço; ao nosso Padre Carlos; e aos nossos Professores que nos proporcionaram um dia espectacular.

Alunos do 4.º ano do Ensino Básico



Um passeio «espectacular»!

RETALHOS DE VIDA

«Bonguinha»

Eu sou o Ismael Ibraimo Caliano Talaquechande, mais conhecido por «Bonguinha». Sou natural de Maputo.

Ando no segundo ano e tenho nove anos. Sou um pouco preguiçoso, mas aprendo bem.

O ano passado vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque já cá estava o meu irmão «Bonga». Ele é muito meu amigo.

Antes de vir para cá vivia com a minha avó e com o meu irmão, drogado. Não gostava nada da minha avó porque ela batia-me muito.

Ia sempre à Escola e, lá, fazia os meus deveres. Aqui, às vezes, esqueço-me!

Gosto muito de fazer trabalhos de papel e, de Matemática. Já ensinei isso aos meus colegas. E, à minha professora, uma canção de Maputo.

Quando for grande quero ser jogador porque gosto de fazer ginástica, de marcar golos.

Não quero ir mais para Moçambique porque, lá, ia muitas vezes para a cama cheio de fome.

Ismael



LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— No reboliço das festas dos Santos Populares, procuro encontrar motivo para tanta alegria, para tanto esbanjamento de dinheiro, queimado para iluminar a noite escura.

Mas, se repararmos, passados segundos, os céus voltam à escuridão. Escuridão essa que vai nos corações e na alma daqueles que continuam a remexer nos contentores do lixo para encontrarem algo que lhes mate a fome. Escuridão que vai nos corações daqueles que, escoraçados das suas famílias, por incómodos, e nos hospitais por falta de camas, apodrecem num colchão velho, atirado para o fundo de um corredor escuro, que alguém por compaixão os deixa por lá dormir.

Os foguetes que sobem ao céu são as chamadas luzes exteriores, mas que de misterioso nada têm.

Será que nós ignoramos que há luzes interiores que guiam, sobretudo, o caminho dos humildes que conduzem a Cristo?

As pessoas, por vezes ludibriadas, pelo fulgor, pelo brilho, pelas cores, soltam *ahs!*..., de exclamação. Mas esquecem aqueles que sofrem, que soltam *ais* de dor e que talvez nesses milhões, que se gastam nas tais luzes exteriores, encontrassem um pouco de alívio e de conforto.

É pena que nessas tais luzes, que muitas vezes mais parecem estrelas a desfazerem-se e a caírem sobre as nossas cabeças, não encontremos as luzes do amor ao doente que espera pela nossa visita e por uma palavra de esperança e de fé. Amor ao nosso irmão que espera por nós para lhe levarmos algo que mitigue a sua fome.

Será que não vemos que esses irmãos só encontram Deus quando os vamos visitar?

Não será que os estamos a atirar para o caminho da solidão, da fome, da bestialidade?

Momentos

Continuação da página 1

ERAM vinte e três horas quando cheguei à casa da Arrábida. Um grupo de rapazes, dos treze aos dezasseis anos, há três dias que faziam limpezas comandados pela D. Lina.

Depois das obras, a casa ficou uma enxovia.

Os operários da construção civil despendem-se de todas as regras e cuidados e as casas ficam de fugir.

Massas, tintas, cimento, pedra, caliça, pontas de cigarro e outras mixórdias, tudo fica agarrado ao chão, às paredes, aos móveis, etc.!

Os rapazes foram inexcedíveis a limpar. Aspiradores, vassouras, esfregões, baldes,

esfregonas, tudo foi utilizado com energia e zelo.

Haviam combinado fazer serão para adiantar, pois, no próximo dia, a D. Lina estava presa pelos seus encargos familiares e da própria saúde.

Chegar àquela hora e encontrar os rapazes naquela azáfama sem dar tréguas a cansaço, aborrecimentos ou birras!... Vê-los entusiasmados com a limpeza da sua casa de férias é espectáculo raro neste tempo de tantos preconceitos contra o trabalho.

Vale a pena todos os sacrifícios. Este entusiasmo fica-lhes impresso na alma. Hão-de recordá-lo por toda a vida. Quando for necessário limpar a sua futura casa, fá-lo-ão com gosto e destreza!

Padre Acílio



Malanje — A camioneta serve para todos os serviços e transportes.

Cartas

Estudante

«De facto, cada vez que abro um dos vossos jornais é como se abrisse uma prenda de Natal. Sempre aquela expectativa e surpresa inerentes...

Só tenho pena de, às vezes, não poder contribuir com mais apoios. Mas, como sou estudante, por enquanto não me é permitido mais... Fica a promessa de quando tiver a

minha independência monetária, tentar dar o meu melhor...!

Assinante 70278»

Fraternidade sem fronteiras

«Distribuem a importância enviada com o critério dos primeiros cristãos: 'a cada um conforme a sua necessidade'.

Gostaríamos que ficassem com a certeza da nossa admiração por tudo quanto os Padres da Rua têm feito a favor dos necessitados,

estejam em Portugal ou em África. Para os cristãos a fraternidade não tem fronteiras!

Gostaríamos, também,

que aceitassem a nossa gratidão pela ajuda que O GAIATO nos tem dado na nossa caminhada.

Assinante 29649»

PENSAMENTO

Se a categoria social da gente pobre não obriga, na verdade, a cartões de visita nem anúncio nas gazetas, obriga-nos sim a descer e a consolar.

PAI AMÉRICO

Em vez de atirmos foguetes ao céu, elevemo-nos até Cristo; e elevarmo-nos até Ele é descer até ao necessitado, é respirar, é viver e fazer viver os nossos irmãos.

Se nos lembrássemos de que a nossa vida se esvazia tão depressa como se esfumam as luzes dos foguetes que iluminam por segundos a noite!... A vida é um instante, é uma hora, um minuto, um segundo passageiros.

Quando da última visita chegámos ao casal de idosos à hora do jantar, a cena, como não podia deixar de ser, era a mesma de todos os lares, àquela hora. Só com uma diferença: Ele sentado na cadeira, onde está sempre. Ela, na borda da cama. O que vimos tocou-nos um pouco. Ela com oitenta e três anos de idade, a dar de comer ao marido com a mesma idade! Ele já cego e quase mouco. Não sabemos como ela consegue fazer a comida!

Como se isso não bastasse, ao lado, noutro quarto, outro cego e surdo que aparenta a mesma idade, também comia.

Perguntámos à mulher se já tinha ido ao médico com o marido. Que sim. Mandou deitar-lhe umas gotas nos olhos.

À nossa pergunta, se tem feito isso, disse que não porque já não enxergava isso. Por vezes, pede a um dos netos, que mora com eles, mas que nem sempre está em casa; e quando o faz, tem que lhe dar mil escudos!

Não será isto um caso de necessidade de internamento num hospital ou coisa que o valha?...

Quantos «senhores», nesta época de férias, atiram para lá os familiares idosos; estes, morrem



Casa do Gaiato de Benguela — Colheita da cebola.

aos poucos e miseravelmente em suas casas, sem o mínimo de condições e dignidade.

Em tempos, falámos aos Serviços Sociais da zona para ver se seria possível irem para um Lar de idosos. Disseram que ela não queria.

Não será, talvez, falta de sensibilidade para os convencer a isso? Em conversa com a senhora, ficámos com a impressão de que estaria resolvida.

São três almas que estão ali a sofrer. Dois não vêm nem ouvem. O marido também não anda. Ela que também pouco vê e ouve, é que o vai carregando para a cadeira e, desta, para a cama. Isto todos os dias; ela com oitenta e três anos de idade!

Conhecemos a expressão: «Todo o indivíduo é um milagre». Pai Américo interceda por eles, junto do Pai do Céu; e as portas de um qualquer estabelecimento da especialidade se abram para estes amigos.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

BENGUELA

CENTRO DE INFORMÁTICA — O segundo grupo já terminou a segunda fase do curso de informática. Esperamos que tenham aproveitado o máximo porque é muito útil à nossa vida futura. Eis os cursos em destaque: o *Microsoft Excel*, *Internet Explorer* e o *Outlook Express*, cursos fantásticos e maravilhosos.

CAMPO — É desta vez que as coisas, no campo, vão aquecer. O nosso Padre Manuel já tem a semente da batata rena,

um alimento de que nós gostamos. Tem muita vitamina e contribui para a nossa alimentação.

As mangueiras estão a florir e prontas a dar fruto. Como toda a gente sabe, as mangas são boa fruta e também ricas em vitaminas. Só de vê-las vermelhinhas, e ainda na árvore, cria-nos água na boca.

FUTEBOL — A nossa equipa de futebol está a andar bem neste campeonato zonal, da zona «F», onde pertence a nossa Casa. E até os outros estão a interrogar-se como é que a nossa equipa está assim tão forte, apesar de sermos os mais pequenos ou jovens deste campeonato. Mas o segredo é que os nossos rapazes se empenharam muito nos treinos; e, por outro lado, também a motivação do novo equipamento. Esperamos que continuem assim para elevar o nome da nossa Casa.

CACIMBO — É uma pena, neste tempo do cacimbo, não podermos ir à praia, onde tirávamos toda a canseira do dia e nos divertíamos tanto.

Quando regressávamos, éramos de novo aqueles moços felizes e com novas forças. Mas o mundo não acaba aqui e vamos esperar que esse tempo passe, porque, afinal, só são três meses e vamos aguentar.

FESTA DA OBRA DA RUA — A propósito, chegou o mês de Julho, no qual ocorre um grande acontecimento — a festa do Fundador da nossa Obra, o Pai Américo. Uma festa muito alegre, animada e educativa. Esperamos que, neste ano, seja tão maravilhosa como outrora já foi. Quase me esquecia do grande dia! Celebra-se a 16 deste mês de Julho.

Nélito Afonso

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

ENCONTRO ANUAL — No dia 1 de Julho, como havíamos prometido e programado, realizámos em Miranda do Corvo o Encontro Anual que decorreu satisfatoriamente.

Depois da Missa dominical — que incluiu a festa dos 25 anos de matrimónio do Bandarra e Madalena, com algum significado — seguiu-se o almoço com os prometidos porcos de churrasco (muito bons), oferecidos pelo colega Mário Varela, da Fimartel, em Coimbra. Mais uma vez agradecemos a ajuda prestada, muito apreciada por todos. A confecção da restante ementa deveu-se a várias mulheres de gaiatos e a alguns deles, presentes, também.

Após a visita ao bar, houve um jogo de futebol entre velhos e novos. Venceram estes por 4-2. Mas não foi nada fácil, apesar de na dúzia de corajosos haver uma diferença de vinte anos.

Tivemos oportunidade de oferecer uma bola nova e medalhas desportivas a cada elemento da Casa, dadas pela Metac, de Coimbra. E uma esferográfica a todos os elementos, que nos chegaram da TV Cabo Mondego a quem também agradecemos. Piscina e merenda, etc., chegou e

sobrou! Deposição de vários ramos de flores, por colegas, no monumento ao nosso Padre Horácio. Tudo acabou bem, com satisfação geral.

O número de presenças foi bom e recebemos um casal que há quinze anos não comparecia, mas que esteve todo o dia connosco e foi satisfeito. Este é mesmo dos mais antigos que entrou na Obra.

Também não esquecemos a habitual prestação dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, e da *McDonald's*, para os tabuleiros, e brinquedos para a comunidade. Agradecemos.

Para compensar alguns que não puderam aparecer e, como vem sendo hábito, contamos realizar nova reunião na Senhora da Piedade, em Setembro, o que confirmaremos pelo nosso Jornal. Até lá, ou até ao próximo Encontro, desejamos a todos muitas felicidades.

Manuel dos Santos Machado

Tempo

Relógio. *Objecto Mandatário certo*
Que me obrigas
Com os teus ponteiros
A ter coragem
Para partir e chegar
A qualquer hora,
Com tristeza ou alegria,
Hoje...agora.

Calendário. *Objecto Mandatário certo*
Que me obrigas a realizar
Com os teus algarismos
Projectos
E a torrear sarilhos
Para trilhar caminhos
Da vida digna!

Tempo. *Jogo Mandatário com lei...*
Não lhe posso
Esconder nem fugir
Porque ele vigia
Depois de dormir
Um feliz sono
Estou novamente atento.
E em cada dia
Trabalho e envelheço.

Manuel Amândio

ENCONTROS EM LISBOA

Três histórias

NESTES tempos de Verão em que o ter férias constitui o tema de todas as conversas, quase se torna um tempo deserto em termos da profundidade das vivências. No entanto, a vida continua com toda a sua riqueza. Lembrei-me de pegar em três histórias das muitas de que é feita a nossa vida.

Quase no fim do dia, já depois do jantar, o Rubens, com os seus cinco anos de idade e quatro de Casa do Gaiato, apregoeou a todos os ventos que era o «homem das montanhas» e vá de subir para cima de uma carroça utilizada, aqui em casa, para transportes diversos. Eis senão quando, o pequeno «homem das montanhas» despenhou-se e sofreu um golpe na testa, necessitando de levar alguns pontos. A notícia correu célere. Ainda eu não estava a começar os primeiros socorros e aparecem cinco, dos mais velhos, vindos a correr, do bar, prontificando-se a ir ao hospital e, cada um, tentava que o Rubens não chorasse mais, quer fazendo miminhos, quer fazendo caretas, quer oferecendo o que tinham à mão. Ele já não sabia para onde havia de se voltar. O choro parou e

lá seguiu para o hospital acompanhado por três colegas. Fiquei com os meus pensamentos à volta da cena que vivi. A família vivida em nossas Casas. O Rubens tem alguém que cuide dele, que se preocupa com ele, que não fica indiferente face à sua dor e ao seu choro. Como aconteceu com ele, o mesmo aconteceria com outros. Com ele as coisas escondidas tornaram-se rapidamente evidentes e iluminaram o nosso dia.

A segunda história é mais rápida de contar. Imaginem um fim de dia quente e tranquilo. Depois de jantar, conversávamos a várias vozes, sentados nos bancos que se encontram no nosso largo. Um dos rapazes dispara:

— *Eh, já viram, agora a Casa até parece triste e vazia!*

Logo outro responde:

— *Pois é, fazem aqui falta os mais pequeninos. Quando eles vão para a praia é sempre assim.* E começaram a enumerar: O David, o Jonas, o Irikijau... todos os nomes passaram e sentia-se a ausência. Dentro de mim começou novo rio de pensamentos que passam pela família adoptiva

que somos e em que os laços se vão tecendo a ponto de sentirmos a falta uns dos outros. E as crianças, no nosso meio, são uma riqueza. Elas ficam ricas de tanto carinho e nós ficamos ricos de as podermos acarinhar e proteger.

Custa-me contar a terceira história, mas também ela faz parte da nossa vida. Fui mais uma vez ao Tribunal de Família e Menores. Tenho encontrado compreensão, mas também tenho encontrado a lei cega e os cumpridores cegos da lei. Tratava-se, segundo agora se diz, de traçar um projecto de vida para o menor que já está conosco há dois anos e que aceitámos porque já nenhuma instituição o queria. As coisas têm corrido bem. O menor já fez a quarta-idade e o primeiro ano do Ciclo. Conseguí com os familiares um bom entendimento. Lá no Tribunal disseram-me que ele tinha que ir passar os fins-de-semana com a família. Inocente, perguntei que família. O que resta do seu agregado familiar é um pai toxicod dependente, um tio igual e um meio irmão, idem. Foi-me dito que a lei era para se cumprir. Se isso acontecer, quem sentirá a falta deste rapaz, quem notará a tristeza por ele não estar, ou quem lhe acudirá, caso venha a necessitar? Família é mais do que laços de sangue...

Padre Manuel Cristóvão

DOCTRINA



*Como o amor
leva tão alto
as coisas
mais pequeninas!*

MAIS uma escova de dentes, de Lisboa, mais uma da Póvoa de Varzim, mais seis de Vila Real de Santo António, mais uma deixada nos Clérigos, mais idem, idem. Quanta simpatia não vai, nisto de mandar pelo correio a escova dos dentes, com o trabalho de escolher, comprar, expedir! Como o amor leva tão alto as coisas mais pequeninas!

MAIS um piano. O apelo que aqui se lançou foi colhido em boa antena. O ceguinho de Miranda do Corvo tudo merece. Não vai ter mais alegria, sim, mas vai ocupar melhor a sua plena vocação. Bem haja, meu senhor. Se um dia for a Miranda do Corvo, há-de ter ocasião de ouvir o coro dos antigos vadios da pedincha, inteiramente esquecidos do que foram porque se sentem felizes. Quando vier ter um outro ceguinho à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, havemos de combinar, aqui, de como há-de vir o outro piano.

O Director da Escola Infante D. Henrique quis que eu dissesse coisas da Obra da Rua aos professores e alunos — e assim se fez. Um dos rapazes juntou quatrocentos escudos de tostões entre os próprios rapazes e foi dito que haviam de fabricar por si mesmos, nas oficinas da Escola, toda a ferramenta das futuras oficinas da Casa do Gaiato. Ai Porto, Porto, tão tarde te conheci! Ainda ninguém me respondeu à chamada das oficinas e da Capela, os dois edifícios a construir dentro da nossa Aldeia. Os alunos da Escola Infante D. Henrique fazem e oferecem toda a ferramenta. Estas obras têm de ser do Povo para que nada lhes falte e sejam sempre moças. Não deixes cá vir o Estado senão somente como auxiliar, só e quando isso seja necessário. Olha as Misericórdias das nossas terras! Se de novo começaram a ter vida, é o calor do Povo que a dá. Sê inteligente! A Aldeia dos Rapazes há-de ser Obra do Povo, mormente dos portugueses. Havemos de trabalhar com a Nação, para a Nação — mas sem o Estado. Ajuda-me.

MAIS um visitante do Porto que chegou na Quarta-feira de Trevas em seu automóvel, entregando ele mesmo dez contos e duas roscas de pão-leve e duas grandes caixas de ovos tingidos e um grande cartucho de amêndoas; e ele mesmo também grande. O Depósito aproveitou a visita deste Amigo e fê-lo portador de mais uma caixa de ovos e mais outra e mais outra. E mais um pacote de roupas «para o Domingos que faz anos»; e mais um pacote de roupas e mais uma caixa de ovos e mais duas idem, mais uma de ovos com desenhos formosíssimos. Os garotos deliraram ao vê-los!

MAIS uma caixa de ovos e mais uma e mais uma; mais um pacote de ovos e calçado. Mais um de roupas. Mais um de ovos. Mais uma caixa de lenços e ovos, prenda de anos do Luciano e do Constantino, acompanhada de duas cartas amigas; e, do mesmo punho, uma dúzia de escovas de dentes «para os que não fazem anos». Deus ajude, quem-quer que mandou coisa tão linda. O 54 dos Clérigos há-de ficar na história da Casa do Gaiato do Porto!

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

da paróquia de (...). Trouxe comigo, no meu coração, todas essas crianças. Fiquei muito feliz por ver que existe alguém que cuida destas crianças, por saber e constatar que elas estão bem e que têm muito amor. Pensei em pedir tudo o que estou a mandar, pois sei que não sendo grande coisa, já é uma ajuda. Queria pedir-lhe que mandasse beijinhos a todas as crianças, em especial ao André e ao Rui. Um grande abraço e que Deus o ajude — Olímpia...».

Padre João

A miséria não está banida

UM pequeno larápio, que já vem incomodando uma linda Vila do nosso País, juntamente com os irmãos, candidatos a aprendizes do mesmo ofício, foram a razão da nossa visita. «Era um grande bem se os levasse», foi-nos dizendo alguém, nosso cicerone ocasional. O parque infantil tão bem arranjado, bem como outros bens sociais, vão ficando com as marcas deixadas por estes pequenos, com seus comportamentos

marginais. «São autêntico 'lixo' das ruas!», este o sentir daqueles que os conhecem.

Visitámos a casa que habitam. O mais velho cuidava dos mais novos, em especial do irmão benjamim. Expôs-nos a situação da família, cada vez mais desagregada. Ele quer ser informático, dando mostras de muito tino e de alguma responsabilidade para quem vive em tanto desleixo. Vimos as camas e o resto..., e foi o bastante.

Enquanto fomos em busca de mais familiares, um dos rapazes que nos acompanhava, embora chamado ao diálogo connosco, não deixava de manobrar uma pistolazita de brincar, dando artes de pistoleiro. No convívio com os nossos, integrado na nova família, e no contacto com o campo e os animais e as tarefas diárias, depressa será conquistado para outros valores.

As ruas da Vila estavam asseadas. As casas com suas alvas paredes, também. Só estes pequenos seres pareciam quebrar a harmonia reinante, provocando nos seus habitantes sentimentos de rejeição em vez de outros de comunhão. Tiveram alguém para os servir, para os ajudar em sua própria casa, evitando a desagregação? Não vi! Quando tudo está mais branco, a nódoa faz-se mais evidente.

Um dos nossos, acompa-

nhou-me. Teve alguma dificuldade em entrar na casa destes seus novos irmãos. É sempre um choque o confronto com situações de miséria. Eles precisam de as ver. Todos precisamos. Deste confronto nasce um mundo de interrogações que abrem caminho a um novo modo de encarar a vida. É que a miséria não está banida da vida dos homens. Por isso, não podemos deitar-nos a descansar, indiferentes à nossa vida e às necessidades dos outros.

Vamos dar-lhes a mão porque é uma questão de justiça. Ela não estava presente no passado desta família. O justo é dar aquilo de que cada um precisa; as necessidades dos Pobres não são todas iguais. A destes pequenos é terem uma família e tudo o que esta lhes pode proporcionar.

Padre Júlio

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

Perdura no tempo esse apelo saído do seu coração; é alimento de tantas almas em busca de si e de Deus. Por isso a Obra da Rua é muito mais do que aquilo a que vulgarmente se chama de instituição de solidariedade — só por comodidade de linguagem. Trata-se antes, de linguagem evangélica, expressão particular do próprio Amor de Deus, nunca possível de institucionalização. Se assim não fosse como explicar tantas e tão constantes formas de apreço, respeito e carinho como esta?: «Padre, eu estive aí no dia 24 de Maio através



Miranda do Corvo — Felizes em sua Casa!